# *infinito amor...*

*Silvio Pélico*

Copyright © 2010 by Silvio Pélico
Todos os direitos reservados

Capa
Silvio Pélico

Foto de contracapa
Nair Lima

Preparação
Silvio Pélico

Índice para catálogo sistemático:
Ficção: Literatura brasileira

Pélico, Silvio, 1958-
infinito amor... nº 2 /Silvio Pélico. – São Paulo

# Prefácio

Anos 1950...

Rio de Janeiro, capital do Brasil, capital dos sonhos. Não importava onde nascera o artista, para vencer e conquistar o sucesso, era para essa belíssima cidade que ele deveria vir: principalmente um cantor.

Primeiro teria de passar por uma das emissoras de rádio. Concorridíssimas. Ser acolhido e aclamado em seu ponto sensível: o auditório. Depois, no auditório, começar seu fã-clube.

Vivia-se a era do rádio, com seus noticiários, suas novelas e seus adorados cantores. Na época, nada mais dignificante para um cantor que ser artista exclusivo de uma Rádio, pertencer ao seu cobiçado *casting*. As gravadoras, os shows e a independência financeira viriam mais tarde, muito depois de ter passado por um desses palcos.

Para Renato Reis, não fora diferente. Nascido numa pequena cidade de um pequeno Estado brasileiro, caso quisesse um dia ser artista de sucesso, teria de vir paro o Rio de Janeiro, cidade maravilhosa! E assim ele o fez, corajosamente, aos catorze anos de idade.

Neste relato que segue, são narrados fatos que ocorreram entre 1947 e 1999: período em que quase tudo que viveu foi sentido de forma intensa. Momentos de alegrias, mas também de tristezas.

O mestre Carlos Drummond de Andrade, em seu poema "Noturno à janela do Apartamento", alertou-nos:

*... A soma da vida é nula.*

*Mas a vida tem tal poder:*

*na escuridão absoluta,*

*como líquido, circula...*

Assim disse o poeta, de forma anônima, comum a nós. Talvez esteja aí o segredo de Renato Reis: compor e cantar versos que falam sobre sentimentos comuns.

O relato começa e termina com o cantor ao lado de sua esposa, num quarto de hospital, em São Paulo: lugar onde estiveram por vinte e cinco dias. Ali, isolado, talvez o cantor tenha vivido os momentos mais angustiantes de sua vida. Lugar onde sofreu, sonhou, às vezes sorriu e também amou. E amou como poucos na vida foram capazes de amar. Como dizia outro poeta: *Jorge Luis Borges...*

*... O mais pródigo amor lhe foi outorgado,*

*o amor que não espera ser amado.*

É provável que, em algum quarto de hospital, alguém neste exato momento esteja passando por um drama parecido. É comum.

Portanto, como se diz nas obras de ficção, qualquer semelhança que este relato tenha com a realidade não passará de coincidência.

*Silvio Pélico*

# 1.

Na tarde de primavera que custa a declinar, os olhos imateriais do homem contemplam os últimos raios de luz que, em seus tons suaves de vermelho, rebrilham sobre o improvisado altar. Vez por outra, alquebrado, caminha em direção à janela, e sente na face o calor da evanescente luz e, súbito, lembra-se de outra tarde...

Tarde de verão, longínqua, em que estava num quarto de hotel, na belíssima Cascavel, onde do alto observava a praça e a multidão. Tarde em que, influenciado por uma sagrada inspiração, tentava decifrar um pouco daquela misteriosa atmosfera.

Era sábado, final dos anos 60. No ar, a renovadora presença da *Era de Aquários*. Por todo lado, sobrepondo a essas impressões, ecoava a influência mística da musica *Gospel*.

Da sacada, seus olhos observavam uma nuvem incendiada pelo sol. Ao redor da nuvem, um halo dourado de refração: bruma assimétrica. Em meio àquela delicada geometria, de relance viu realçada a paciente imagem de Jesus...

A mente retorna ao quarto do hospital. Magicamente ouve os belos acordes da música que compôs naquela tarde e sente a vibração da batida *Soul*, a sonoridade rara do piano: sonoridade que um dia tanto desejou encontrar. Quanto à inspiração, sente que era mais que um corriqueiro estado de espírito. Era um sentimento. Sim, um profundo sentimento que o alcançara naquela incessante tarde; para ali, dentro do peito, pulsar... e para os momentos mais difíceis não só pulsar, mas arder.

É assim que sua mente tem se comportado nesses últimos dias, sempre oscilando entre dois mundos: o quarto do hospital e o seu infinito passado.

Sentindo-se fatigado, dá mais alguns passos e deixa o corpo desabar sobre o sofá, seu fiel companheiro. Dali, após um leve movimento, avista, feito um véu, a diáfana luz da tarde recobrir duas acolhedoras imagens: Nossa Senhora e seu Filho, agora tingidos de tons sépia.

Por instantes, encharcado de fé, quase não consegue distinguir a Mãe do Filho. Imerso num místico encantamento, espera de uma ou de outra entidade a definitiva benção, o definitivo milagre.

As luzes da sala estão apagadas. Sem perceber, fora alcançado pelas sombras que só a noite traz. Mas ainda resta a tênue claridade vinda dos *leds* dos aparelhos médicos, cuja cor a todo instante muda de tom. Bem à sua frente, inconsciente, o corpo da amada parece flutuar sobre lençóis, agora dispostos como se fossem nuvens.

Há horas ela não dá nenhum sinal, nenhum...

A fé do cantor, estável, mais se parece com o leito rochoso de um rio, a direcionar seus pensamentos sempre numa monótona direção.

Os exames evidenciam a presença de metástase. O médico insiste em dizer que o quadro é irreversível. Os obscuros pensamentos o rodeiam. Mas o leito rígido do rio corrige a direção das revoltas águas. Em seu imaginário, só há espaço para um acontecimento: a pronta recuperação de sua doce mulher... Às vezes, a vigília é interrompida

pela visita de um parente ou de um amigo, e os argumentos sempre apontam numa insuportável direção: trazê-lo o quanto antes à realidade. Mas ele de tudo duvida, e recebe tais argumentos como se fossem blocos de gelatina suspensos por elásticos.

Talvez a mente seja pródiga em só acreditar naquilo que vive em seu imaginário. Sob tal influência, ainda na penumbra do quarto, ele segue erigindo sua crença: tornou-se impenetrável.

No meio da noite, finalmente o cansaço o domina. A cabeça pende um pouco para traz a procura do encosto do sofá. Os olhos se fecham. Surge um breve estado de torpor. A mente penetra no insubstancial espaço do entressonho, mas a imagem vívida da Virgem Maria ainda perdura em sua retina. Por um momento, a alma ganha um alívio: fica suspensa um pouco acima dos rumores que o perturbam.

Um instante depois sente pousar no dorso da mão duas outras mãos. Macias. O estado de vigília aos poucos se recompõe. Por fim reconhece a agradável presença. Então ouve um caloroso sussurro:

— Por favor, meu filho, vá descansar um pouco.

Os olhos se abrem e encontram o terno rosto de sua mãe, que traz um tímido sorriso.

— Quero estar por perto quando ela acordar, mamãe. Não quero me afastar um só instante.

— Entendo... Então se deite aqui.

O braço delicadamente o enlaça e o traz para junto de si, para colo macio onde tantas vezes fora acalentado.

— Fique tranquilo, querido... Eu o chamo assim que ela despertar.

O calor do colo o faz adormecer. Há uma trégua, a mente atribulada ganha o esquecimento, a purificação.

Horas mais tarde, diante do espelho que encima a pia, observa com atenção o rosto recém-lavado. “Meu Deus! Como pude envelhecer tão

rápido?” Ao deixar o banheiro, repara que o sofá está vazio, a mãe se fora. Nunca o quarto estivera tão calmo. Alguns passos adiante, perto da janela, os olhos alcançam a complexa paisagem da cidade — e ele a vê como um abstrato quadro pendurado na parede... Irreal.

De um instante, o sensível ouvido acusa um balbuciar, e o atento acompanhante se volta para o leito... Os trêmulos lábios tentam lhe dizer algo, mas o som lhe é incompreensível. Em seguida, a expressão da amada volta a ficar calma, mas ele não se sente frustrado com esse distanciamento. Ao contrário, observa-a com ternura. Ali, do alto, como se fosse a noite, segue contemplando a esposa com múltiplos olhos.

Ao acaso e de forma diversa, imagens lhe chegam à mente. Imagens de um passado não tão distante. Mas logo o fluxo é interrompido, pois os negros olhos se abrem: olhos de jabuticaba. Olhos que nasceram para serem seus. Só seus. Por um momento ela o reconhece e, com a pouca força que lhe resta, comprime as mãos afetuosas do marido...

— Meu amor, meu amor... O que está acontecendo?

— Foi só um cochilo, nada mais — ele responde.

A melodiosa voz ecoa pelo ar, o semblante da esposa volta a ficar plácido, e mais uma vez ela se acalma. E ali, em silêncio, ele se lembra de mais uma canção.

Tem sido assim... De repente a lucidez lhe chega. Os olhos se abrem. Os lábios tremulam. Um aperto de mãos se segue. Um instante depois, a lucidez se vai, deixando para traz um rastro de impressões, num eterno chegar-e-partir.

As mãos voltam a sentir a pressão. Os olhos negros e misteriosos de novo se abrem. E uma avalanche de imagens o alcança...

# 2.

Dezembro de 1977...

Era primavera. Na cidade alta e regelada, já se insinuava o piedoso hálito do verão... Há pouco o show terminara. De banho tomado e já refeito, ele circulava pelo camarim. De repente, o chamado:

— Pai? Esta é a amiga de que lhe falei. Estuda comigo lá no colégio, quer conhecê-lo.

Enigmáticos como a noite, os olhos dela se abriram. Ele sentiu, num instante, que a felicidade que traziam parecia ter o tamanho do mundo. Mergulhado em ternura, não conseguia mais se libertar desse doce olhar. E clara a vida se mostrou. Um momento único, que para sempre ficaria gravado em sua memória.

Percebera, num instante, que algo dentro de si havia se partido e que a transformação era definitiva. Ficou estático. Num gesto rápido, ela se alongou na direção do rosto dele, deixando o pequeno corpo suspenso nas pontas dos pés. Ato reflexo, ele dobrou o tronco e fez com que suas faces se aproximassem. Um leve desequilíbrio a fez sair do prumo, os cantos das bocas se tocaram. Ele se desmanchou diante de tão delicadas impressões: a fragrância da pele, o calor da face já afogueada, a maciez da inocente boca. Não teve a menor dúvida de que aquele beijo fora o primeiro dela. Que aqueles lábios jamais

tinham tocado outros lábios... E que num canto qualquer daquela alma virginal morava um desejo inconfessável.

Fora do hospital a noite segue clara. Indiferente a tudo, a Lua flutua no horizonte, deixando na vidraça apenas um leve rastro prateado. Interpondo-se entre o leito e a janela, ele se mantém de pé. Após um leve movimento lateral, deixa que parte da tênue luz alcance a face da amada, dando-lhe um suave aspecto marmóreo, angelical. Com ternura faz seus dedos deslizarem sobre a fronte da amada, ajeitando-lhe os cabelos. Enquanto dura o gesto, o pensamento dá um salto de catorze anos, está em 1991: e as imagens que lhe chegam são ainda mais agradáveis, pois a vê sentada na primeira fila de um show, aplaudindo-o.

Mais tarde, sem que ele perceba, ela já o espera na entrada do camarim, segurando nas mãos a providencial toalha. E as imagens continuam se sobrepondo em sua mente, uma a uma... Ela, no avião, com a cabeça apoiada em seu ombro acariciando sua mão. No banco de trás do carro, pacientemente aguardando o cerco das fãs, que histéricas se atiram contra os vidros e o capô do carro. De madrugada no estúdio, sentada no sofá, já tomada de infinito, ouve os acordes que dão suporte a uma nova canção.

Dentro do peito é capaz de sentir a emoção que havia naqueles momentos, momentos inesquecíveis. Sabe que, num instante, as horas e os dias ganharam vida, sentido, cores... Emoção que jamais sentira, e via aquele amor chegar feito um redemoinho, delicadamente misturado com paixão, desejo, alegria, poesia. Um infinito amor...

Em meio à penumbra do quarto, uma inquietante lembrança se faz presente, mas desta vez não lhe vem na forma de imagens. Trata-se apenas de um belo poema. Um poema de *Pablo Neruda*...